

O COTIDIANO ESCOLAR COMO COMUNIDADE DE AFETOS¹

Carmen Silvia Maria Sinto*

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba. Sorocaba, SP, Brasil. E-mail: botejara@ig.com.br

O livro em questão é resultado da pesquisa “O cotidiano escolar como comunidade compartilhada” (2007-2010), realizada pela autora com apoio financeiro do CNPQ e dos estudos realizados “em estágio de pós-doutorado no Programa e Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Proped/Uerj), sob orientação da professora Inês Barbosa de Oliveira, e no Instituto de Ciências Sociais da universidade de Lisboa (ICS/UL), sob orientação do professor José Machado Pais” (p. 10).

A autora interroga a possibilidade da “constituição de uma comunidade de afetos e afecções”, com ênfase no cotidiano escolar, para superação do crescente individualismo presente na sociedade contemporânea.

Sendo dividido em oito capítulos, o livro tem início com dois capítulos claros e fluentes, com teorizações e conceitos desenvolvidos sobre a noção de cotidiano e comunidade, no entanto, ao adentrar o terceiro, quarto, quinto e sexto capítulos, o leitor que não tenha conhecimento de determinados conceitos, sentirá certa dificuldade, principalmente porque determinados conceitos discutidos no início dos capítulos são pormenorizados apenas na metade ou final dos mesmos. Nos sétimo e oitavo capítulos, o texto volta a ser como no início, facilitando sua abordagem e interpretação.

No primeiro capítulo a autora apresenta algumas abordagens conceituais sobre cotidiano, destacando dentre elas, aquela assumida no estudo apresentado ao longo deste livro, importante para o entendimento do que é o cotidiano escolar e compreensão das possibilidades de se constituir comunidades de afetos e afecções neste cotidiano.

No segundo capítulo, através do questionamento: “Qual o campo de vivência da comunidade escolar na atualidade?” (p. 37), a autora argumenta sobre os princípios da *comunidade* na modernidade, suas transformações e vivências no decorrer dos anos até

¹ CARVALHO, Janete Magalhães. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.

chegarmos à comunidade na contemporaneidade, caracterizada pelo “esvaziamento dos espaços públicos”, tendo como consequência, a individualização crescente e o “enfraquecimento dos laços sociais”.

Nos terceiro, quarto, quinto e sexto capítulos, a autora examina e reflete sobre “quatro possíveis perspectivas teóricas da constituição de comunidades na contemporaneidade” (p. 12), presentes no pensamento de vários autores. Sendo assim, o terceiro capítulo é iniciado enfocando as “comunidades singulares”, baseada na obra de Deleuze e Guatarri, e as “comunidades cooperativas”, presentes na obra de Hardt e Negri. Buscando confluências nos princípios constituintes dessas duas abordagens, que não as descaracterizam enquanto abordagens distintas, mas nos remetem a aproximações nas quais sobressaem as “lutas biopolíticas”, a autora reflete sobre a possibilidade da formação de uma comunidade de afetos no âmbito escolar, para tanto, associa a esta reflexão estudos de caso de dois trabalhos de pesquisa.

No quarto capítulo, a autora discorre sobre os estudos pós-coloniais ou como “comunidade híbrida”, de acordo com Homi Bhabha, enfocando o cotidiano escolar e destacando “questões que atravessam a constituição de comunidades híbridas no cotidiano escolar” (p. 13) em que o afeto e a emoção desempenham importante papel, tanto na formação individual quanto coletiva.

O quinto capítulo aborda as “comunidades interpretativas e heterológicas”, de acordo com estudos de Boaventura de Sousa Santos, na perspectiva da “hermenêutica diatópica”, compreendida como uma prática de diálogo, “interpretação e tradução entre culturas” (p. 121), enfocando algumas possibilidades dessas comunidades se manifestarem no cotidiano escolar. Também tem como aporte teórico a obra de Inês Barbosa de Oliveira, sendo esta “estudiosa da obra do autor em sua relação com a área e/ou campo da educação” (p. 121).

No sexto capítulo, a autora procura analisar as quatro abordagens de constituição de comunidades: singulares, cooperativas, híbridas e heterológicas, refletindo sobre as “aproximações e afastamentos” presentes nas teorizações em busca de produzir “avanços na problematização” sobre a constituição de um cotidiano escolar como comunidade de afetos.

No sétimo capítulo, a autora retoma as noções de “comum” e “comunidade”, presentes nas “abordagens teóricas” enfocadas nos capítulos anteriores, produzindo um novo sentido, onde nos traz reflexões sobre a “noção do comum” para constituição das quatro abordagens de

comunidade apresentadas nos capítulos anteriores. Também está presente neste capítulo, aproximações entre o conceito de “comum” e “ordinário”, conceitos de Negri e Certeau, respectivamente, para uma reflexão sobre o “cotidiano escolar como comunidade de afetos”.

No oitavo e último capítulo, a autora faz uma análise sobre o currículo, apresentando-o como possibilidade de constituição de “comunidades tecidas em redes de conversação e ações complexas”, trazendo depoimentos registrados durante a pesquisa realizada pela autora, destacando a relevância da “conversação e ação inventiva na configuração do cotidiano escolar como comunidade compartilhada” (p. 15).

Ao trabalhar com a possibilidade da constituição de uma comunidade de afetos e afecções no cotidiano escolar, a autora não só dialoga com seus interlocutores como reinventa conceitos, estabelece aproximações e discute as divergências entre os mesmos, propiciando ao leitor novos conhecimentos, construindo um livro inventivo e aberto ao diálogo. Não se preocupa em afirmar verdades ou dar respostas às indagações, mas se utiliza dos conceitos e teorias como instrumentos para investigar, interrogar e refletir sobre o campo dos “possíveis” no cotidiano escolar. Uma leitura obrigatória para quem se dispõe estudar o cotidiano escolar tendo em vista a “compreensão do processo de escolarização para quem o vive” e o “entendimento dos modos sociais como ele é vivido” (p. 21).